



O HIP HOP: DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL À ARMA DE COMBATE AO PRECONCEITO ÉTNICO

Gustavo Brito Rabelo- Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba *mr.gustavobr@live.com*

Láinne Clara de Assis-
Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba
lainneclara@gmail.com

Lucas de Lazare Rodrigues
Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba
magalyrodrigues@uol.com.br

RESUMO

Tendo em vista que o *hip hop* é um movimento amplamente disseminado no contexto brasileiro atual, o presente trabalho discorre sobre a sua origem e jornada desde os guetos de Nova Iorque até a sua chegada ao Brasil, na cidade de São Paulo. As problemáticas relacionadas ao preconceito acerca do movimento foram muitas e penduram até hoje. Vale destacar o fato de que suas origens e marcante representação estarem relacionadas ao maior grupo de brasileiros: os afrodescendentes. Dessa forma é possível enxergar a força que o *hip hop* tem na vida dessas pessoas e como ele vem se tornando uma arma contra o racismo e a discriminação étnica.

O movimento do *hip hop* é oriundo das áreas periféricas de grandes cidades norte-americanas onde havia a predominância de negros e pobres, sendo Nova Iorque a principal. A expressão *hip (quadril) hop (balançar)* é uma gíria. O objetivo inicial do movimento foi de amenizar as frequentes brigas entre jovens de diferentes gangues nos bailes do gueto nova-iorquino. Trata-



se de um gênero musical composto por três elementos culturais: a música (*rap*), a pintura (*grafite*) e a dança (*break*).

O *hip hop* configura-se como um movimento de tendências internas, mas que regra pela crítica à exclusão social e pela discussão de questões acerca da história e da identidade dos negros. Ele chegou ao Brasil na década de 80 por meio da indústria fonográfica e logo foi influenciado pela cultura nacional. Uma das principais diferenças entre o *hip hop* norte-americano e o brasileiro, destacadas em diversos artigos, é o maior comprometimento do *rap* brasileiro em conscientizar a população sobre os problemas sociais, com base em críticas e manifestações contundentes. Em contraposição, nos Estados Unidos, grande parte dos *rappers* se venderam para o sistema e pregam um tipo de abordagem que reforça o consumismo de marcas tidas como assinaturas do estilo *hip hop* como os calçados da empresa *Nike, Inc.*

O movimento *hip hop* chegou ao Brasil em 1984, mais especificamente na cidade de São Paulo. Essa metrópole foi dominada pela febre da dança *break*, amplamente divulgada na mídia naquele ano. Cinco anos depois, em agosto, o produtor Milton Salles criou a MH2O "Movimento *Hip Hop* Organizado" que foi muito importante para a disseminação do movimento através de oficinas nas periferias e shows gratuitos. Ainda hoje, a companhia existe com o nome de "Companhia Paulista de *Hip Hop*" e tem o mesmo objetivo de divulgar essa manifestação cultural.

Ao chegar às terras brasileiras, o *hip hop*, como esperado, passou a habitar as margens do preconceito dos brasileiros. Isso se deve ao fato de ele estar ligado diretamente com a população periférica, em sua maioria formada por negros e pobres. Outro aspecto importante na apresentação do gênero musical é a sua divisão em diversas vertentes, entre elas o *gangsta rap* cuja característica é a agressividade e a linguagem altamente preterida pelo grande público. Nesse contexto, a associação entre a cultura *hip hop* e a criminalidade foi quase que imediata por parte da elite paulistana. Porém, tal atitude não reprimiu o movimento e acabou aumentando a vontade dos excluídos de se manifestar.



A maior aceitação do Movimento só aconteceu quando artistas estrangeiros como *Michael Jackson* e *Lionel Ritchie* passaram a divulgar o *break* nos seus videoclipes. A partir daí, filmes como o *Flashdance*, de *Adrian Lyne*, passaram a enaltecer a cultura *hip hop*.

Apesar disso, o preconceito contra o movimento ainda se encontra bastante presente entre os brasileiros. Alguns adeptos acreditam que já transcendeu a esfera artística e se ligou a questões raciais, já que é um objetivo do *hip hop* brasileiro evidenciar o histórico de exclusão dos negros no país, que se deu pelos quase quatrocentos anos de escravidão.

Embora o viés étnico seja evidente no *rap*, é importante citar que, apesar de controvérsias, o movimento se preocupa antes de tudo com a desigualdade social. Destina-se à classe social dos desfavorecidos e marginalizados, que tanto no contexto brasileiro como no norte-americano, fundem-se fortemente com os negros, mas essa não é uma exigência. Sendo assim, a apropriação cultural vem sendo um assunto de grande polêmica nos merece destaque Estados Unidos em virtude do sucesso de vários *rappers* brancos de classe média como *Eminem* e *Macklemore*. Fica claro que a popularidade do movimento ultrapassou os limites dos guetos e das periferias.

Sendo assim, o *hip hop*, tornou-se um efetivo meio de manifestação dos oprimidos, em sua maioria, negros. A composição traz problemáticas cotidianas do contexto da vivência desses excluídos com o objetivo de trazer ao conhecimento da sociedade a forma como se dá essa estereotipação e como ela repercute na vida do negro. O movimento visa apresentar a realidade de forma com que a classe coercitiva causadora da marginalização da comunidade negra se desconstrua da noção de inferioridade do negro no Brasil.

Todavia, esse entendimento depende de pressupostos. Não sendo o *hip hop* delimitado, o seu objetivo é propiciar a compreensão daqueles externos ao movimento. É necessário que busquemos compreender a mensagem que o compositor quis transmitir para a sociedade. Dessa forma, pessoas que não se identificam com a exclusão abordada são tocadas pelo texto o que gera empatia, e com isso se torna um eficaz instrumento de combate ao racismo e ao preconceito social e étnico racial.



Existem, de fato, diversos fatores que dificultam o entendimento do texto dos *raps*. Um exemplo seria a não identificação com a problemática incluída na composição. Afinal, quando o ouvinte não se relaciona com aquela opressão criticada, ela se torna algo distante e assim não se prende a atenção. Outro fator percebido foi o ambiente e o contexto em que os *raps* são reproduzidos. Prova disso é que no meio universitário de Ituiutaba tornou-se comum a presença da cultura *hip hop* nas *playlists* e *setlists* das festas universitárias, no entanto, o gênero tem caráter acessório, sendo tocadas apenas algumas músicas. Esse ambiente de entretenimento e lazer também acaba não sendo propício para a reflexão almejada pelos compositores, já que o consumo do álcool é frequente e a intenção dos presentes é apenas de se divertir.

Percebe-se, assim, que a fruição do gênero musical, a efetivação de seu compromisso com a sensibilização diante de questões sociais prementes no país da miscigenação e, paradoxalmente, do preconceito (segundo dados da ONU, o Brasil é o país em que os que mais matam e mais morrem são afrodescendentes, pobres, jovens), é a percepção de implícitos. De fato, o não-entendimento do texto dos *raps* é uma grande barreira percebida por nós. A influência do gênero muitas vezes se resume apenas no efeito psicoacústico por meio da sua percussão, baseada nos ritmos quebrados da África. Assim, a mensagem a ser passada pela letra é desatendida e o movimento acaba não cumprindo sua função social de manifesto. É nesse contexto que ganha importância a lei nº 10.639, a qual institui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

Em resumo, ainda há muito para reivindicar até que possamos equiparar a realidade entre os brancos privilegiados e os negros desfavorecidos. Apesar disso, é notório que o *hip hop* por meio da dança, da pintura e da música possibilitou um vislumbre ao negro marginalizado de obter maior acesso à educação e especulação profissional e, conseqüentemente, a uma diminuição na reincidência do negro na criminalidade, fundamento do estereótipo. Em face dessa realidade entendemos que, a partir do momento em que mais cidadãos se identificarem solidariamente com a causa, conseguiremos ouvir a voz que o *hip hop* deu aos negros e



vislumbremos as mudanças sociais tão intensamente conclamadas nas letras e expressas nessa engajada manifestação de arte.

Dado o exposto, o movimento *hip hop*, o qual se apresenta como uma bandeira de promoção da igualdade, por um lado, dando voz à denúncia da situação das classes secularmente oprimidas no país, por outro, pretendendo com sua missão artística sensibilizar toda a sociedade para essa causa, merece maior divulgação na sociedade.

Portanto, é importante compreender de forma mais ampla a virada cultural dos povos da periferia. Afinal, além de uma expressão artística, as composições se dão através de estudo político e social. Sob nosso ponto de vista, o entendimento dessa cultura dos excluídos é, sem dúvida, uma inestimável forma de efetiva inclusão, pedra basilar dos princípios jurídicos da democracia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 19 out. 2016.

Com Ciência, O Brasil negro: Hip Hop fala contra o racismo e a desigualdade social.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/09.shtml>>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

PIMENTEL, Spensy. Festa do rap em sapopemba. Caros Amigos, Edição Especial, Editora Casa Amarela, São Paulo, setembro de 1998.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004.